

# NÚCLEO ESPÍRITA FRANCISCO DE ASSIS

## TEXTO PARA O SEMINÁRIO 2025

### **Mediunidade e Responsabilidade Pessoal**

Por Tatiane dos Santos Matos

Aprendi muito em nossos estudos sobre como devemos agir numa reunião mediúnica e, principalmente, sobre como, enquanto médiuns, ostensivos ou não, precisamos aprender e desenvolver a mediunidade. Mas será que estamos realmente prontos para essa responsabilidade? Digo isso porque o equilíbrio numa reunião mediúnica, num grupo de estudos ou em qualquer atividade dentro da casa espírita não depende apenas de quem possui determinada faculdade mediúnica, todos os envolvidos são responsáveis.

E, afinal, será que são os outros ou os maus Espíritos que me desviam do bom caminho? Ou será que sou eu mesma, minha própria obsessora, tentando justificar minhas falhas e fugir da responsabilidade? O primeiro passo foi reconhecer e observar com sinceridade.

E isso inclui os pensamentos que emanam, as atitudes que tomo e a influência que exerço sobre os outros. Não sou apenas influenciada; influencio também. É importante lembrar que a sintonia e as afinidades não nos tornam passivos: sou eu que me deixo influenciar de acordo com o que trago dentro de mim. Da mesma forma, influencio aqueles que se afinam comigo. Se não me conheço e ajo sem assumir responsabilidade sobre meus atos, posso estar influenciando positiva ou negativamente sem perceber, e ter consciência disso é essencial.

E ainda durante os estudos, também observei que, desde cedo, fomos ensinados a seguir manuais, pais, professores, líderes e, de certa forma, sempre buscamos alguém que nos diga o que fazer. No entanto, chegou o momento em que precisei andar com os meus próprios passos. Aprendi que, quando fico esperando o alimento mastigado, deixo de aprender a buscar o alimento por mim mesma. No início, me incomodava não ter uma “fórmula pronta” ou alguém que me dissesse exatamente o que fazer, mas percebi que o desconforto é necessário para o aprendizado e o crescimento espiritual.

As casas espíritas sérias têm papel fundamental nesse processo, pois auxiliam e orientam com base na caridade e na verdade. Elas ajudam o médium a compreender a natureza de sua faculdade e oferecem meios para o autoconhecimento. No entanto, a casa

não pode fazer o trabalho que cabe a mim. Ela orienta utilizando as obras e pode até mostrar o caminho, mas cabe a mim trilhar, observar e avaliar se o que estou fazendo está de acordo com o que estou aprendendo.

O estudo e a prática da mediunidade devem ser acompanhados da autoanálise constante: reconhecer meus vícios, fraquezas e motivos que me levam a agir como estou agindo. Esse olhar para dentro é o que realmente transforma. A autoavaliação acontece quando ninguém está me olhando, quando me pergunto se realmente estou vivendo o que aprendo e se minhas ações refletem o que digo compreender.

Essa responsabilidade se estende a todos os aspectos da minha vida, principalmente ao cotidiano, onde muitas vezes não estou tão atenta quanto nas atividades dentro da casa espírita. E, sendo espírita, ter consciência disso pesa ainda mais, pois já não posso alegar ignorância.

Ao longo dos estudos, compreendi também que, assim como Cristo foi julgado e incompreendido por muitos, o Espiritismo também sofreu preconceito e rejeição por parte daqueles que desconhecem a doutrina. Isso me fez perceber que não devo julgar o outro a partir do meu olhar ou das minhas experiências. Meu conhecimento e minhas crenças são frutos das minhas vivências; portanto, não me cabe sentenciar ou julgar ninguém, nem achar que quem não está em meu círculo de estudo sabe menos sobre espiritualidade.

As obras espíritas nos mostram que todos somos médiuns, cada um em grau e natureza diferentes. Essa faculdade não pertence apenas ao Espiritismo, ela permeia toda a humanidade. Onde houver bons Espíritos, ali o bem se manifesta. Por isso, tenho tido o cuidado de não afirmar que a verdade absoluta está apenas no Espiritismo, pois isso seria julgar o que desconheço. É necessário respeitar todas as práticas e crenças, evitando o erro de julgar o outro sem sequer compreendê-lo, pois o próprio Cristo não nos ensinou isso.

Reconheço que ainda estou envolvida em minhas vaidades, assim como muitos de nós aqui na Terra, mas vejo que é preciso esforço para que não me torne semelhante aos fariseus e sacerdotes que julgaram conforme sua própria verdade. E, ao refletir sobre isso, lembrei o trecho de Emmanuel no livro *A Esperança*:

“O ensinamento espírita é a palavra do Cristo que nos alcança sem gritar, e a obra espírita, desde as bases primordiais de Allan Kardec, é construção do Evangelho, levantando as criaturas sem rebaixar a ninguém. Trabalha servindo, cômico de que cada um de nós é o agente da propaganda de si mesmo, no trabalho da redenção humana, que não nasce da violência, e sim da verdade e do amor, no toque fraternal de espírito a

espírito. À vista disso, se muito podes realizar a benefício do próximo por aquilo que sabes, somente conseguirás renovar os semelhantes por aquilo que és.”

Esse processo de autoavaliação não é fácil nem rápido; é diário, contínuo e exige esforço e vigilância constante. A casa espírita é ferramenta valiosa como sinalizei antes, que me ajudou a compreender as leis divinas e a aprimorar minha conexão com o bem. Mas a verdadeira mudança só acontece quando assumo minha parte, quando entendo que, embora o auxílio possa vir do mundo espiritual, a responsabilidade pela transformação é exclusivamente minha.

Sendo médium ostensiva ou não, reconheço que cada um tem a tarefa de se conhecer, se desenvolver e assim contribuir, com esforço e amor, para o equilíbrio e o bem coletivo.